

TV infantil em: a arte de imitar as apresentadoras

A criança de hoje não é a mesma de ontem. Pode parecer óbvia, mas esta afirmação tem gerado polêmicas entre muitos educadores no Brasil. E, neste contexto, a programação infantil oferecida pela televisão brasileira entra como centro das discussões.

Andréia Vieira

Programas como os da Xuxa, Angélica e do Sérgio Mallandro inovaram na linguagem, ritmo e até no conteúdo da mensagem. Tempo é cada vez mais dinheiro e os apresentadores fazem de tudo para aproveitarem bem o espaço. É assim que as brincadeiras e o próprio cenário normalmente estão cheios de merchandising. "Eles usam as crianças para vender produtos e estimulam a competição", diz Bia Bedran, 38 anos, que apresenta o "Canta Conto" na TVE e dá aula de Educação Musical na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Bia é uma das que valorizam antigos programas como o "Sítio do picapau amarelo", que faziam o telespectador viajar no mundo do faz-de-conta. "Não existia nenhuma nave que trouxesse e levasse para o seu lugar de origem uma fada madrinha humana. Mas as crianças tinham como usar a imaginação numa fantasia em que bonecas de pano falavam, comiam, viviam, sacis-pererê não assustavam e a empregada doméstica era tratada sem discriminação", declara a apresentadora.

Segundo Tania Maria Macedo, 27 anos, mãe de Lucas, de quatro meses, "a linguagem era mais infantil e o programa tinha a função de educar. Mas, os de hoje, visam ao lucro acima de tudo e as crianças acabam virando cópias dos apresentadores. Elas não desenvolvem uma personalidade própria, e sim a dos apresentadores".

Mas as críticas aos programas infantis vão mais longe. Uma das maiores preocupações dos educadores é com a sensualização. Depois do mito Xuxa, que excitava as crianças com roupas provocantes, conforme contam alguns telespectadores da época do show diário da rainha, a Mara e a Angélica, do SBT, parecem seguir cada vez mais o mesmo caminho. A louraça de olhos verdes, que está sempre levantando a bandeira da

virgindade, é a principal atração com músicas do tipo "Meu herói, flecha de amor não dói". "As músicas não são para criança, falam muito de namoro. Só gosto de alguns desenhos, do 'Jackson Five'...", critica Gerson Marciel Alves, de 13 anos. "Ela é bonita, mas não tem graça", acrescenta o irmão, Magno Marciel Alves, de 10 anos.

Se o assunto é sensualidade, o "Mara Maravilha" não fica para trás. A apresentadora gosta de mostrar clips românticos. Em um deles, Mara aparecia de índia com os seios cobertos pelos cabelos.



Angélica

"São programas que não provocam a reflexão, porque não fazem a criança entrar na aventura do pensar", diz Bia Bedran.

Comportamento – Outro aspecto que mostra a mudança radical que houve na programação infantil se refere ao comportamento. É a indústria cultural padronizando o modo de vestir e de brincar das crianças. Rafaela da Silva Galdino, de 5 anos, que é fã da Xuxa e da Angélica, briga até com o pai quando ele quer ver um jogo e, ela, a apresentadora,

conforme disse a mãe, Rosane Lima da Silva.

"Ela tem sapato, roupa e bota da Xuxa, e não pode ver nada da Angélica, que pede", conta a mãe.

Mas a televisão não atrapalha os estudos de Rafaela, que está no Jardim II. "Ela se tranca no quarto para estudar. É por isso que procuramos lhe dar as coisas que pede."

Para Bia Bedran, o que aconteceu nos anos 80 foi a comercialização do produto criança e não da arte. "Nenhuma dessas apresentadoras é formada em Arte Educacional", afirma.

Bia critica, ainda, o ritmo das programações. "O tipo de sonoridade não faz bem à criança. Ele estimula a agressividade pela agitação. Seu biorritmo fica acelerado", conclui.

Infância Interrompida – A forma com que os padrões de comportamento é passada é tão envolvente que a adolescência tem chegado mais cedo.

"Os programas levam a criança a ter postura de adulta. Tiram a infância, a fantasia, a brincadeira, o ser criança", revela a coordenadora do Serviço de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio, Maria Inês Bittencourt.

"É como uma fruta que cai do pé, verde", acrescenta Bia Bedran.

Segundo a psicóloga Maria Inês, os atuais programas infantis de televisão geralmente produzem na criança uma falsa identidade, ou seja, o desejo de ser como as apresentadoras, não assumindo a sua própria personalidade.

"Ela se sente completamente inadequada. O seu desenvolvimento normal é perturbado. É como se alguém quisesse construir uma casa começando pelo terceiro andar, exemplifica Maria Inês, se referindo à interrupção da infância, provocada por muitos programas.

"Milhões de crianças são profundamente infelizes porque não são

louras de olhos azuis. Se sentem uma porcária", declara a psicóloga.

Mas Maria Inês faz, contudo, questão de enfatizar que todos esses aspectos negativos ocorrem em crianças de famílias desestruturadas e de relações emocionais abaladas.

"A responsabilidade não está só no programa. A criança não será afetada, se ela tiver a sensação de segurança, de ser amada e valorizada", conclui a psicóloga.

Outra linha – Nadando contra a maré, o "Canta Conto", da TVE, foge à regra da maioria dos programas infantis. Bia Bedran conta estórias, com ilustrações, e toca no violão músicas de vocabulário bem acessível ao público infantil. O programa tem sempre a participação de artistas desconhecidos. Mas tudo acontece num ritmo muito lento que não tem conseguido despertar a atenção da maioria das crianças, já acostumada com a agitação da vida moderna. Talvez seja por isto que grande parte dos entrevistados pela revista ECLÉTICA nem conhece o "Canta Conto".

Quem não poupa críticas ao programa é o Bussunda, o humorista Cláudio Besserman Viana, do "Casseta e

Planeta, Urgente", da Rede Globo.

"No 'Canta Conto', da TVE, a Bia Bedran conversa com o mar e ele responde, fala 'oi, bondinho', para o Bonde Pão de Açúcar, e ele retruca 'oi Bia'. Eu não deixo minha filha ver uma coisa dessas de jeito nenhum. Em matéria de chatice, a Bia Bedran é o Oswaldo Montenegro de saias", diz Bussunda em entrevista à revista "Veja", do dia 16 de fevereiro deste ano.

Segundo Bia, que já participou da ascensão do Movimento Cultural Brasileiro na década de 70, "o 'Canta Conto' é uma alternativa para crianças, pais e educadores que querem resgatar a palavra contada, a magia que existe na arte artesanal."

Bussunda parece não estar nada satisfeito com a programação infantil de modo geral.

"A Xuxa, a Angélica e a Mylla Christie são bonitinhas e inofensivas. Gostaria que fossem babás da minha filha, mas os programas são de lascar", declara.

E, por falar na Xuxa, ela está de volta. Agora, só aos sábados, às oito horas, com o "Xuxa Park". No auditório, a platéia predominante é de adolescentes, que vibra com os cantores do momento, o "Malhão" e toda aquela animação. Mas, fora do estúdio, o alvo parece ser um público mais infantil. Em um dos quadros, Xuxa é uma criança curiosa que transmite conhecimentos gerais, como a função do Corpo de Bombeiros.

Até a Comunidade Evangélica da Vila da Penha, que vem disparando no musical Gospel com "Consagração", sucesso absoluto nas rádios do ramo, participou do programa recentemente. Detalhe: a quase todas as perguntas da "rainha", a solista Aline respondia que tudo era para honra e glória de Jesus, o Rei dos evangélicos. A apresentadora anunciou, inclusive, que estava abrindo espaço para este estilo de música. Parece que, depois da temporada nos Estados Unidos, Xuxa resolveu angariar a mais diversificada audiência para o programa.

Único homem – O Sérgio



Reprodução

Bia Bedran

Mallandro, do SBT, também se diferencia, em muito, da maioria dos programas infantis televisivos. A começar pelo apresentador, que é o único homem na área, o programa valoriza o engraçado em detrimento do sensual. Um dos quadros preferidos é "A Porta dos Desesperados", com monstros, brinquedos e todo aquele som de suspense.

Mas a grande atração do momento parece ser mesmo a "TV Colosso", que substituiu o "Show da Xuxa", da Rede Globo. Apresentado por bonecos-cachorro, o programa resgata de certa forma os tempos do "faz-de-conta", fazendo de conta que cachorros falam.

A "TV Colosso" costuma trazer, ainda, mensagens éticas, como ocorreu num quadro recente da "Família Dinossauros". A estória girava em torno de uma "planta da alegria" que drogava os personagens. O pai, Dino da Silva Sauro, perde o emprego porque chega 4 horas atrasado ao trabalho, e o Baby reclama por comida que já não existia mais. No final, o filho mais velho se volta para a câmera e dá alguns conselhos do tipo "não use drogas", mostrando que a estória não foi feliz por causa da "planta da alegria". Só que muitas crianças entendem como droga apenas uma palavra que geralmente usam quando não são atendidas naquilo que querem. Como a "TV Colosso" atinge também um público jovem, valeu a intenção. ■



Reprodução

Mylla Christie